

GUERRA FRIA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Matheus Cavalcanti Rodrigues⁴⁵⁷

MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: história e historiografia. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

A obra *Guerra Fria: história e historiografia*⁴⁵⁸ se revela um trabalho oriundo da maturidade de um pesquisador comprometido com a relevância do levantamento de documentos para a pesquisa histórica. O livro resenhado teve sua 1ª edição publicada em 25 de setembro de 2020 pela Editora Appris.

Sidnei J. Munhoz mistura narrativa de eventos com explanação e crítica das diferentes correntes interpretativas do seu objeto. Esquematicamente, ele adota um sistema tripartite de divisão do livro. A Parte I, designada “EUA, Grã-Bretanha e União Soviética: da grande aliança às origens do novo conflito global”, é destinada, primeiro, ao desenvolvimento mais minucioso sobre o debate historiográfico sobre a Guerra Fria, o que ocupa todo o Capítulo 1.

Como já dito, o Capítulo 1 é o lugar onde se coloca a discussão historiográfica entre 5 correntes historiográficas resumidas no Glossário. O autor se debruça na explicação de cada uma delas sem abdicar da alusão às interfaces estabelecidas entre as mesmas. Seguindo uma ordem cronológica, ele começa pela apresentação da ortodoxia estadunidense e da sua contraparte direta, a ortodoxia soviética. Ambas cumpriram a função de construção da história oficial de seus respectivos países nos primeiros anos

⁴⁵⁷ Mestrando em História na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3014058056351953>. E-mail: matheuscavalcantiicm@hotmail.com.

⁴⁵⁸ MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: história e historiografia. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

da Guerra Fria. Nesse propósito, responderam à questão premente de sua época sobre a quem cabia a responsabilidade pelo conflito entre as duas potências. Com respostas diametralmente opostas e posturas nacionalistas semelhantes, atribuíram culpa ao adversário e isentaram seu país respectivo de quaisquer ações ofensivas. Destarte, os ortodoxos estadunidenses, cujo maior expoente foi Georg Frost Kennan, acentuaram as supostas ações temerárias da URSS na Europa como justificadoras de uma reação dos Estados Unidos com o fim da proteção do mundo capitalista-democrático. Por seu lado, os ortodoxos soviéticos viram que os Estados Unidos representavam uma ameaça pelo descumprimento dos acordos tratados ao final da Segunda Guerra e pelas investidas sobre a área de influência soviética.

As outras três correntes historiográficas que o autor escolhe trazer para a discussão são estadunidenses, o que configura um desequilíbrio notável. São ao todo 4 correntes estadunidenses e apenas 1 soviética. Esse desequilíbrio mostra-se ao longo de todo livro, com a abundância de citações de autores estadunidenses e a rarefação dos representantes do outro lado do conflito. Estes, além de citados excepcionalmente, não são analisados com a mesma desenvoltura e atenção concedidas aos estadunidenses. Sobre isso, é possível verificar a diversidade e complexidade das visões soviéticas/russas acerca do conflito no texto de Vladimir O. Pechatnov, onde o autor propõe pensar os fatores geopolíticos, ideológicos e culturais conjuntamente para melhor compreensão do fenômeno Guerra Fria.⁴⁵⁹

⁴⁵⁹ The Cold War: A View from Russia: Disponível nesse link: <http://jhss-khazar.org/wp-content/uploads/2010/12/01.pdf>.

A corrente revisionista é apresentada como uma crítica à ortodoxia estadunidense e que se fortalece na década de 1960. Os historiadores dessa corrente discordam dos ortodoxos ao responsabilizarem os EUA pela eclosão da Guerra Fria e evidenciarem o tom conciliador da política externa soviética ao final da Segunda Guerra. No decorrer da década de 80 surgiu uma outra linha interpretativa que se propôs neutra e se impôs o desafio da superação do antagonismo entre ortodoxos e revisionistas. O chamado pós-revisionismo teve como expoente central John Lewis Gaddis, e focava sua análise no equilíbrio das forças internacionais e na ação das elites nacionais. Ao discorrer sobre essa corrente, Sidnei J. Munhoz enceta rapidamente no texto sua crítica pessoal. Para ele, o pós-revisionismo foi uma máscara de imparcialidade usada para a defesa das teses ortodoxas. Seria, portanto, anti-revisionista e neo-ortodoxo. A 5^a corrente historiográfica alvo de apreciação no Capítulo 1 é o corporatismo. Sua tese é a de uma organicidade dos setores econômicos internos dos EUA em uma rede de autorregulação que envolvia tanto o âmbito público como o privado e influenciou a política externa.

Antes de finalizar o capítulo inaugural, Sidnei J. Munhoz não deixa margem de especulação a seu posicionamento geral. Refuta as teses ortodoxas e pós-revisionistas (neo-ortodoxas) elencando os motivos para isso. Considera o revisionismo e o corporativismo linhas interpretativas importantes e sugere uma complementaridade entre ambas. Considere-se que o recorte do livro não esgota a variedade de abordagens teóricas sobre Guerra Fria. Há aquelas que não estão no escopo de Sidnei J. Munhoz, mas que se mostram relevantes por descortinarem pontos de vista para além da dicotomia entre EUA e União Soviética. Como exemplo, o capítulo escrito por Rob Verhofstad tratando da experiência holandesa da Guerra Fria demonstra a limitação imanente a análises dicotômicas. Nele, o autor traduz

as incertezas, medos e ambiguidades de uma nação coadjuvante no cenário internacional bipolarizado, mas nem por isso indiferente às suas repercussões em seu âmbito de interesse imediato.⁴⁶⁰

Do 2º ao 5º capítulo, o autor erige acontecimentos da Segunda Guerra Mundial cujas reverberações foram fatores que corroboraram para a emergência da Guerra Fria. Com esse propósito, o autor apresenta no 2º capítulo como a Operação Barbarossa (1941) e o consequente avanço do exército alemão em território soviético impeliu a URSS a clamar pela abertura de uma segunda frente de batalha na Europa Ocidental. As promessas feitas pelo presidente estadunidense Franklin D. Roosevelt de que essa investida ocorreria em 1942 foram malogradas e o atraso da operação, que somente se deu em junho de 1944, fez surgir um sentimento de desconfiança soviética. Do ponto de vista soviético, a demora na abertura de uma segunda frente no Ocidente fora impulsionada por um estratagema não confessado, da parte de EUA e Grã-Bretanha, de fomentar a destruição mútua entre alemães e o Exército Vermelho.⁴⁶¹

O 3º capítulo explora as consequências da morte de Franklin D. Roosevelt e sua substituição por Harry S. Truman em abril de 1945. O autor do livro defende a historiografia revisionista que destacou a busca inflexão na política externa estadunidense desde a ascensão de Truman, que optou por uma postura agressiva e de não conciliação. Política esta contrária àquela levada a cabo e aconselhada por Roosevelt. Por seu lado, a historiografia ortodoxa procurou afirmar uma continuidade entre as diretrizes seguidas por

⁴⁶⁰ The Netherlands During The Cold War: an Ambivalent Friendship and a Firm Enmity. In: TREPANIER, Lee; DOMARADZKI, Spasimir; STANK, Jaclyn (org.). Comparative Perspectives on the Cold War: National and Sub-National Approaches. Kraków Society for Education, AFM Publishing House, 2010.

⁴⁶¹ Uma obra mais expressiva e abrangente sobre as origens do confronto Guerra Fria é escrita por Martin McCauley, intitulada *Origins of the Cold War 1941-1949*, com sua 5º edição publicada em 2021 pela Routledge.

Roosevelt e seu sucessor. Neste ponto, o autor cita os argumentos de Arthur Schlesinger Jr. para a defesa da inevitabilidade da posição de Truman e sua suposta coesão com o que pensava Roosevelt. Em seguida, mostra como Schlesinger Jr. omitiu como fonte os relatos de Elliott Roosevelt, filho do ex-presidente, que claramente contradiziam a tese da continuidade e corroboravam a percepção do quanto Truman representou novos rumos para a política externa estadunidense.

O 4º capítulo aborda os acontecimentos e efeitos da guerra no Extremo Oriente. Os debates centrais são a invasão da Manchúria pelo Exército Vermelho e o desenvolvimento e uso da bomba nuclear pelos EUA. A tecnologia nuclear proporcionou certa vantagem estratégica para o governo estadunidense e o lançamento das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, forçou a rendição completa dos japoneses. No entanto, o autor mostra outra linha interpretativa que asseverou que a tomada da Manchúria pelos soviéticos em pouquíssimo tempo teve impacto maior que os bombardeios nucleares para a submissão completa do Japão. Para o autor do livro, “os bombardeios nucleares às cidades japonesas foram desnecessários e as justificativas para o seu emprego são inaceitáveis” (MUNHOZ, 2020, p. 124).

Finalizando a *Parte I*, o 5º capítulo tem o objetivo professado de crítica à versão ocidental que durante a Guerra Fria pontuou enfaticamente o pretenso caráter agressivo do regime soviético que obrigava a reação e defesa por parte do mundo capitalista-democrático sob liderança estadunidense. Para se contrapor a ela, o autor se mune de documentos britânicos que comprovaram o desejo do primeiro-ministro Winston Churchill de atacar as tropas soviéticas na Polônia. O chefe de governo, em maio de 1945, solicitou a elaboração de um plano de ataque que faria uso de soldados britânicos, estadunidenses e até de alemães prisioneiros (*Operation*

Unthinkable). Portanto, a agressividade não era atributo exclusivo da URSS. Muito pelo contrário, o governo soviético optou, no imediato pós-Segunda Guerra, por uma política de harmonização aos interesses aliados.

A Parte II, constituída por 3 capítulos e intitulada “As diferentes perspectivas de poder das novas potências globais e a emergência da Guerra Fria”, tem o intuito geral de destacar a conformação do mundo pós-Segunda Guerra. Usando uma abordagem mista de história política, econômica e cultural, o autor acaba gastando mais linhas nas explanações acerca da política externa das potências EUA e URSS, a formação de um mundo bipolar a partir delas e as suas investidas expansionistas no chamado Terceiro Mundo. No capítulo 6, há um empreendimento no sentido da articulação entre o individual e o global. O escrutínio da vida e carreira política de George Frost Kennan, diplomata estadunidense, é a senda escolhida para o estudo da política externa dos EUA nos primeiros anos de Guerra Fria. Sua atuação no governo Harry S. Truman nem sempre foi predominante, mas Kennan influenciou por anos a percepção do governo estadunidense em face ao regime soviético. Sublinhou o poder de atração da ideologia comunista, pregou a necessidade de apoio dos EUA às nações amigas e aconselhou evitar o confronto direto com a potência rival.

O capítulo 7 discorre sobre o soerguimento dos dois blocos de poder liderados por EUA e URSS que deram vazão à noção de mundo bipolar. Embora ponderando os riscos inerentes a esse ideal de bipolaridade política, que tende a eclipsar as tensões dentro dos blocos, o autor o considera passível de aceitação como representação do conflito global que opunha duas nações e duas visões de mundo antagônicas. São sinalizados os pontos de discordância fundamentais entre o capitalismo estadunidense e o estatismo soviético e a criação de entidades internacionais que funcionassem como broquéis contra as investidas adversárias. O capítulo se

sobressai aos demais por deixar por algumas páginas o tema da política internacional e volver a atenção do leitor a aspectos culturais intranacionais. No entanto, isso só é feito pelo lado dos EUA, no que concerne à repressão política interna do país que afetou a indústria cultural, como no caso do cinema.

Uma vertente importante da Guerra Fria é a sua correlação com as lutas anticoloniais que lhe foram concomitantes. Essa é a temática do capítulo 8, onde se salienta o declínio de uma estrutura internacional de poder baseada no colonialismo europeu e a ascensão de novas formas de expansionismo. Nesse sentido, foca-se nas tentativas perpetradas por EUA e URSS para alinhar países do chamado Terceiro Mundo em torno de seus círculos de influência política e ideológica. Cada uma das potências quis exportar seu respectivo modelo de modernização e para isso despenderam recursos financeiros, tecnológicos e humanos. Uma novidade nesse cenário dual foi a China, que após a vitória comunista em 1949 se robusteceu a ponto de poder oferecer ao mundo uma terceira via para a modernização. As nações-alvo dos esforços de EUA, URSS e China eram aquelas na África e Ásia que lutavam pela sua independência política, após décadas de submissão ao imperialismo europeu, como também as nações já independentes na América. Durante a década de 1960, entretanto, as subsequentes frustrações e a falta de retornos consistentes nesses empreendimentos levaram as três potências a modificarem seus planos de ação.

A terceira e última parte do livro, sob o título “O crepúsculo da Guerra Fria”, dedica-se a dois objetivos principais, que correspondem aos dois capítulos componentes. No capítulo 9 discute-se o conceito de Détente, que quer dizer um período de estabilização e relativa tolerância mútua nas relações internacionais entre as duas superpotências contendoras, mas não

apenas. Isso porque, segundo afirma o autor, houve algumas Détentes, que envolveram também países da Europa Ocidental, como França e Alemanha Ocidental, que buscaram negociar com a URSS e os países da Europa Oriental meios de convivência que propiciaram o aumento dos intercâmbios. Por volta de 1969 a 1979, EUA e URSS experimentaram uma fase de amenização das tensões. Essa demarcação temporal é atribuída a Fred Halliday, com o qual Sidnei J. Munhoz encadeia alguns diálogos.

A derrocada do sistema soviético é retratada, no capítulo 10, como consequência de processos vindouros de décadas de crescimento econômico forjado e cada vez mais diminuto, sobretudo a partir de meados da década de 1970. O avanço tecnológico e organizacional da economia capitalista promoveu transformações que obstaculizaram a capacidade de concorrência da economia soviética. Na década de 1980, as tentativas de reforma do governo Mikhail Gorbachev, tanto no campo econômico como no político, não puderam revitalizar a potência moribunda. Com o fim da URSS, o expansionismo do capitalismo ocidental pôde adentrar a Europa Oriental, o que também possibilitou o estreitamento de laços diplomáticos.

Sidnei J. Munhoz finda sua obra com o capítulo “Considerações parciais e provisórias sobre um tema movediço”, onde reforça algumas de suas posições ostentadas durante o livro e se refere sumariamente ao mundo estruturado após a Guerra Fria. Há de se ressaltar a conduta constante do autor em admitir os limites inerentes à sua pesquisa. Tais limites devidos ao fato de que muitos dos documentos de importância para um historiador que se debruça sobre o fenômeno complexo da Guerra Fria ainda estão na penumbra de entraves político-burocráticos e, portanto, inacessíveis. Ao mesmo tempo que ratifica a premissa do trabalho historiográfico de que sem documentos não há história, essa honestidade previne e motiva futuros pesquisadores a lutarem pela publicização desses documentos. Nesse

sentido, vale remeter a uma outra faceta da atividade intelectual do autor, com forte teor político. É seu empenho dedicado à publicização de documentos relativos às relações históricos entre Estados Unidos e Brasil. Nesse propósito, Sidnei J. Munhoz é o coordenador brasileiro do projeto internacional *Opening the Archives* (2013- até o presente), em cuja consecução conta com a parceria de James Green (*Brown University*). Para se ter uma dimensão das ações perpetradas pelo projeto, mais de 50 mil documentos diplomáticos dos EUA sobre o Brasil foram trazidos a público graças a ele e espera-se que o mesmo ocorra no futuro com uma quantidade próxima ao dobro do já publicado.

Guerra Fria: História e historiografia é um livro que cumpre seu principal propósito. Isto é, consegue montar uma narrativa comprehensível dos fatos cortada por discussões historiográficas nas quais o autor, amiúde, toma partido sem deixar de apresentar os argumentos contrários com clareza. Logo, não é este um livro que se quer neutro. Nenhuma das perspectivas historiográficas levadas em consideração é tomada dogmaticamente. As críticas do autor se dirigem mesmo àquelas correntes interpretativas com as quais patenteia maior afinidade. A par disso, o enfoque é em uma história política e diplomática, o que não dispensa o tratamento de assuntos econômicos, sociais e culturais. Poder-se-ia requerer do autor que tivesse se detido menos nos grandes nomes da política internacional e dado maior relevo às populações locais e aos movimentos do indivíduo comum. No entanto, essa não é a proposta primária da obra, que não pode ser imputada de incoerente.

Referências bibliográficas:

MUNHOZ, Sidnei J. *Guerra Fria: história e historiografia*. 1 ed. Curitiba: Appris, 2020, 313 p.

- PECHATNOV, Vladimir O. The Cold War: A View from Russia: Disponível nesse link: <http://jhss-khazar.org/wp-content/uploads/2010/12/01.pdf>.
- VERHOFSTAD, Rob. The Netherlands During The Cold War: an Ambivalent Friendship and a Firm Enmity. In: TREPANIER, Lee; DOMARADZKI, Spasimir; STANK, Jaclyn (org.). Comparative Perspectives on the Cold War: National and Sub-National Approaches. Kraków Society for Education, AFM Publishing House, 2010.